

# Malan diz ter obtido garantias de bancos

*Para ministro, estrangeiros mostraram 'enorme confiança no futuro do Brasil'*

JOÃO CAMINOTO

Correspondente

**L**ONDRES – O ministro da Fazenda, Pedro Malan, afirmou, após a série de contatos que manteve ontem em Londres, “estar claro que existe uma enorme confiança no futuro do Brasil e na capacidade do País de lidar com as turbulências do presente”. Segundo ele, o governador do Banco da Inglaterra, Eddie George, “manifestou o seu apoio e confiança no País”. Além disso, o ministro disse que, no encontro com representantes dos bancos HSBC, Lloyds TSB e Standard Chatered, “houve a confirmação do compromisso da reunião de Nova York de manter as linhas de crédito para o País”. Num almoço com diretores de dez empresas britânicas, Malan disse ter confirmado “que os investimentos no País são de longo prazo e não serão afetados pelas dificuldades de momento”.

Participaram também do almoço jornalistas do *Financial Times*, *New York Times*, da revista *The Economist*, além do analista

da Economist Intelligence Unit David Anthony. No início da noite, antes de embarcar para Paris, Malan se encontrou com Gordon Brown, responsável pela pasta econômica do governo britânico.

A palestra de Malan na sede do Banco da Inglaterra, à tarde, causou grande interesse entre os analistas da City. Cerca de cem pessoas compareceram no evento. Eddie George fez uma apresentação inicial de Malan e do diretor da área internacional do Banco Central, Beny Parnes, e em seguida se retirou da sala. Durante uma hora, Malan fez uma detalhada avaliação da situação financeira do País, do acordo com o FMI e do quadro político, com ênfase na sucessão presidencial.

Em seguida, Parnes detalhou a situação das dívidas pública e privadas e mostrou projeções elaboradas pelo Banco Central que indicam a sustentabilidade do balanço de pagamentos do País. O diretor do BC ressaltou que o déficit em conta corrente neste ano “deverá ser inferior a US\$ 17 bilhões, talvez US\$ 16 bilhões ou até mesmo US\$ 15 bilhões”. Se-

gundo ele, a estimativa de superávit na balança comercial de US\$ 7 bilhões já está sendo considerada “conservadora pelo mercado” e poderá ser revisada para cima.

Ao ser questionado por um analista sobre qual seria as projeções de crescimento do PIB e outros indicadores brasileiros caso a economia americana não se recupere nos próximos dois anos, Parnes se limitou a dizer que “tudo vai ficar pior”. Malan acrescentou, no entanto, que isso não

ocorreria apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

Outro analista perguntou em seguida que “se a economia brasileira está condicionada a fatores externos que fogem

ao seu controle, por que então não reconhecer isso e iniciar uma reestruturação da dívida”. Malan, após criticar as análises que tendem a se transformar em “autoprofecias”, foi taxativo. “O Brasil não tem necessidade de reestruturar a sua dívida e não vai fazer isso”, afirmou.

Malan foi também questionado se aceitaria participar da equipe do futuro presidente da República. “Se entendi bem a pergun-

ta, você está querendo saber sobre o meu futuro”, disse Malan. “Não estou pensando no meu futuro.”

Malan incluiu o crescimento da candidatura de José Serra (PSDB) no seu arsenal de argumentos para tentar acalmar os investidores internacionais sobre as perspectivas da economia brasileira. “O mais provável é que Serra vá para o segundo turno”, disse Malan. “É óbvio que nós queremos que o Serra vença.”

O ministro ressaltou que que os outros candidatos à Presidência assumiram compromissos com o equilíbrio fiscal, controle inflacionário e respeito aos contratos. “Eu não partilho da tese de que ocorreria uma grande reviravolta se um candidato de oposição vencer as eleições”, disse.

Em entrevista à imprensa, Malan disse que procurou transmitir aos analistas a informação de que Serra está na segunda posição conforme a maioria das pesquisas. “pois nem todos têm aqui essa informação”. Malan salientou que desde o início do ano deixou claro “que Serra é o mais preparado para exercer a presidência da República a partir de 2003”. Malan evitou comentar se o crescimento de Serra poderá aliviar o nervosismo dos investidores em relação ao País. (AF)

**P**AÍS  
PROMETE  
NÃO  
REESTRUTURAR